





Playlist



Para acederes à playlist oficial do livro abre o motor de pesquisa do Spotify, utiliza a opção da câmara e faz scan do código.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

A
EXCEÇÃO

SUSANA SOUSA



Ficha Técnica:

Título Original: A Exceção

Autora: Susana Sousa

Copyright © Susana Sousa

Copyright © Nova Geração

Revisão: Alexandra (Nova Geração)

Design/Diagramação: Alexandra (Nova Geração)

Capa: Alexandra (Nova Geração) /Rafaela Silva

1º Edição: Março 2023

1º Reimpressão: Abril 2023

Acabamento/Impressão: Foco - Serviços Editoriais, Lda

© 2023

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao/](https://www.instagram.com/editoranovageracao/)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

ISBN: 978-989-9112-90-2



Para todos aqueles que acreditam que o amor conquista tudo, mas especialmente para os que não acreditam!



O Início

É a primeira vez que saio destes portões. Sei que devo sair da academia, aprender a viver no meio humano, abdicando dos meus poderes em frente deles. Dentro de mim, uma voz vibra, a minha voz interior, aflita, não estou preparada para isto. Estou numa encruzilhada, a ansiedade e o entusiasmo de mãos dadas. Como será pisar uma universidade normal? Um lugar imenso de pessoas que não nos ensinam a controlar os nossos poderes? Uma universidade onde não aprendemos quais os nossos talentos.

Quando me disseram que teria de escolher um curso, fiquei bastante confusa e pensei durante dias, mas optei por uma licenciatura em literatura. Adoro ler o que os humanos escrevem sobre nós; a maneira como eles interpretam as lendas sobre nós, as ideias fictícias longe de imaginarem a nossa real existência. Tenho de me lembrar da regra de ouro: nunca mostrar os meus poderes a um humano. Ouvi histórias de fadas que o fizeram no passado, sendo expulsas da comunidade. Nunca se soube nada delas a partir desse momento.

No meio destes pensamentos apercebo-me que o carro parou e que me encontro à frente do edifício que será a minha casa daqui em diante. Entro no prédio revestido de tijolo e, a seguir, encontro a porta que o meu companheiro de viagem indica como sendo o meu apartamento; ao entrar vejo que não existe comparação com os castelos das fadas e dos elfos, com os quartos que havia na academia.

É um apartamento simples, mundano, mas a ideia agrada-me. Sempre fui fascinada pela vida humana, sobre como eles são, como as suas vidas se desenvolvem ao longo de um dia, os sentimentos que os fazem mover.

A minha madrinha avisou-me para não me envolver demais e para ter cuidado com a minha impulsividade, mas como resistir a este mundo que em tudo me fascina? É um pouco assustador enfrentar isto sozinha, mas somos proibidos de nos encontrarmos fora

da academia. Esses encontros podem desencadear comportamentos élficos, o que chamaria a atenção sobre o mundo mundano. Sou desperta dos meus pensamentos com Pégaso que nos últimos minutos assume a forma humana para me informar que todos os meus pertences já se encontravam no apartamento, antes de partir deseja-me boa sorte.

Quando ouço o bater na porta, sinto que a minha verdadeira aventura vai começar. Começo por arrumar todos os meus pertences, utilizando a magia que me facilitava; a seguir, observo que os armários estão repletos de comida, num pequeno compartimento um pouco de pó de fada que utilizo para manter os meus poderes controlados. Em cima de uma secretária descubro um conjunto de livros, o meu horário e uma carta que vejo ser da minha madrinha. Abro-a de imediato, a sua voz adentra-me nos pensamentos enquanto a leio:

“Minha querida Áurea, começo por te desejar imensa sorte nesta tua aventura, uma aventura da qual sei que vais usufruir da melhor maneira. Peço-te mais uma vez para teres cuidado, para tentares controlar os teus sentimentos e esse teu lado mais impulsivo.

Aproveita este momento de aprendizagem e com todo o cuidado, diverte-te. Já sinto imenso a tua falta e não sei como vou passar os próximos três anos sem te ver todos os dias. Irei providenciar visitas para te ver e tentarei estar sempre em contacto contigo. Aproveita o teu talento para observar como são os humanos, se valem a pena aproximares-te ou não. Um último conselho: apesar de teres tudo financiado pela academia, acho uma boa oportunidade tentares experimentar um trabalho mundano, penso que seria uma boa experiência nessa tua aventura.”

*Com muito amor,
A tua fada madrinha,
Maya*

Quando acabo de ler dou por mim a lacrimejar, ao perceber o tempo que permanecerei longe dela, longe da mulher que me criou desde bebé, que me ensinou tudo o que sei.

Mais, ajudou-me a encontrar o meu talento quando eu acreditava que não possuía nenhum. Questiono-me se também a Viviana já chegou à sua nova casa, se estava tão nervosa quanto eu. Claro que não, ela é imensamente aventureira, já deve ter saído de casa e conhecido metade da população da cidade onde foi colocada. Gostava de poder falar com ela, de saber como se sentia. Vou sentir falta da minha melhor amiga, aquela com quem partilhei o quarto nos últimos doze anos, mas sei que será por um curto período de tempo, e quando esta aventura terminar nos vamos voltar a reencontrar e vamo-nos divertir imenso a ouvir as histórias uma da outra.



Capítulo 1

Áurea

Acordo com o meu guia espiritual, o único ser mágico que me foi permitido trazer da academia, a saltitar em cima de mim. Na verdade, este ser tem a forma de um gato, que me ajuda, me protege sempre que necessito. Neste mundo mundano, o seu tamanho é normal, coberto com um pelo branco que ao passar as minhas mãos sinto a sua macieza. A beleza dele adequa-se com o seu espírito puro.

— Pronto, Ariel, podes parar! Já me levanto. — Digo, acariciando-lhe o sedoso pelo.

Levanto-me e dirijo-me para a casa de banho onde tomo um duche rápido. De volta ao quarto, abro o roupeiro, observo, na tentativa de decidir o que vestir no meu primeiro dia. Aos meus olhos sobressai um vestido sem mangas, solto, vermelho que realça o branco da minha pele e o platinado do meu cabelo, a escolha certa. Sentada na cama calço uns sapatos de salto, e aplico ligeiramente batom, ambos vermelhos. As ondas do meu cabelo estavam prontas, satisfeita olho-me uma vez ao espelho e sinto-me pronta para enfrentar o primeiro dia da minha aventura.

Ao fim de uma longa caminhada e de me perder três vezes, dou por mim a encontrar finalmente a sala onde decorrerá a primeira aula. A sala não era muito diferente dos auditórios onde decorriam as aulas na academia. A diferença maior que me soltava aos olhos era a falta do aspeto encantado, dos insetos a voar por todo lado, as plantas a trepar pelas paredes. Entro e avisto uma pessoa, a única sentada na sala. Será normal? Deduzo que sim, apesar das voltas infinitas que dei consegui chegar trinta minutos mais cedo. Dirijo-me para um assento mais perto da pessoa em questão e reparo que é um rapaz, de cabelo negro e uma pele pálida quase tanto como a

minha. Os meus olhos não deixam de reparar no ar sedutor que dele sai. Praticamente ao lado dele apercebo-me da cor da sua aura, o que me deixa mais intrigada. Tento, sem sucesso, aceder-lhe aos pensamentos. Não me deixou chateada, pelo contrário, agradeço por isso, não gosto de me intrometer sem conhecer a pessoa e fico feliz por as aulas em que me ensinaram a controlar estarem a resultar, apesar de por vezes sair do meu controlo.

— Olá! Sou a Áurea. Posso sentar-me aqui? — Aponto para o lugar ao seu lado.

Ele encara-me por uns segundos e abana a cabeça não demonstrando nenhuma emoção.

Esta aura intriga-me. Como é que uma pessoa (que deduzo ter dezoito anos) pode conter uma aura tão sombria? Quase consigo ouvir a minha madrinha de longe a avisar-me sobre as minhas decisões, mas é mais forte do que eu, não consigo controlar-me. A curiosidade tomou conta de todas as partes do meu ser.

— Posso saber como é que te chamas? — Pergunto com algum entusiasmo, na tentativa de obter alguma reação da parte dele.

Ele volta a fitar-me, pondera por uns segundos na sua decisão, até que responde. — Ámon.

Fico a pensar por uns breves segundos se devo insistir na conversa ou deixá-lo com os seus pensamentos que, sinceramente, agora que obtive o nome dele, estou cada vez mais curiosa em descobrir quais são. Decido permanecer em silêncio, na expectativa do início da aula.

Gradualmente a sala começava a ficar preenchida e começo a observar o arco-íris que me rodeia. Observo cada uma das pessoas, umas aparentam estar felizes e entusiasmadas, mas, na verdade, consigo ver o que realmente sentem. As suas auras tornam-se uma mistura de cores, consigo efetivamente observar a felicidade e o entusiasmo que as suas caras e os seus gestos manifestam, assim como a mistura de nervosismo e tristeza.

Não consigo controlar-me, acabo por sorrir interiormente perante esta observação. Na academia, a maioria das fadas e dos elfos conseguem ocultar a sua aura, então eu não tenho a oportunidade de observar esta maravilhosa mistura de cores, muito menos con-

seguir decifrar o que realmente sentem. Estava ainda perdida no que os meus olhos captavam, quando de repente, entra uma mulher de saltos altos, um vestido preto justo e um cabelo negro amarrado com um lápis, maravilhosamente penteado. A sua forma de estar e caminhar demonstra confiança, mas consigo perceber na sua aura nervosismo.

— Olá! Sou a Professora Sofia. Bem-vindos à disciplina da Teoria da Literatura. Nesta cadeira planeio abrir os vossos horizontes em relação à leitura e à escrita, esperando, sinceramente, que no final do semestre cada um de vós, consiga olhar para um texto ou para um livro e ver para além das letras e frases bonitas.

A aula decorre calmamente, a professora anuncia quais as obras que estudaremos e como quer que as aulas dela decorram. No final, todos os alunos se levantam e dirigem-se à porta, já eu, permaneço sentada a tentar interiorizar todas as mudanças.

Quando decido levantar-me para sair, reparo que Ámon deixou o seu caderno, com uma mistura de receio e curiosidade, pego no caderno e dirijo-me para a saída da sala, vagueando pelos corredores na expectativa de o encontrar para lho entregar, uma tentativa falhada. Quando chego à última aula apercebo-me um tanto desiludida que Ámon pode não estar na mesma licenciatura que eu, sendo aquela cadeira a única em comum. Ao entrar na sala, deparo-me novamente com aquela aura negra, sentado no fundo da sala, Ámon parecia querer permanecer longe dos olhares indiscretos.

Convicta da decisão certa, sigo na direção dele, mas antes de dizer seja o que for, sinto o seu olhar em mim com severidade.

— Tantos lugares na sala e tens de vir atrás de mim?

Fico perplexa com a rigidez das suas palavras. — Eu não ando atrás de ti, simplesmente...

Ele interrompe-me. — Simplesmente o quê? Achas que quero ser teu amigo porque me vês sempre sozinho?

As suas palavras atingem-me com mais severidade do que estava à espera. — Só queria entregar-te o caderno que deixaste na sala de Teoria da Literatura.

Ele, vendo-o na minha mão, fica sobressaltado e retira-mo de imediato.

— Viste o que estava no caderno? Fico paralisada com a sua agressividade e ele repete: — Viste ou não?

Limito-me a abanar que não com a cabeça, e em silêncio vou sentar-me do lado oposto da sala.



Finalmente chego a casa, dirijo-me à secretária onde começo por retirar o meu caderno da mochila. Faço uma lista de obras que tenho de ler e os prazos de leitura dos mesmos. Olho à minha volta e admito que me sinto um pouco só, tantos anos habituada a ter sempre alguém do meu lado e agora sou só eu e o Ariel. Observo-o a dormir a um canto e chego à conclusão que é uma companhia vaga, visto que desde que assumiu a forma de gato, só dorme.

Começa a anoitecer e não tenho grande fome, vou até à cozinha, encho um copo de sumo de laranja e faço uma tosta-mista. Sentada no sofá, o som do pão estaladiço debaixo dos meus dentes parece a melhor definição do meu primeiro dia numa escola diferente. Num mundo diferente. Quando termino a minha refeição, volto à cozinha, pouso a louça, no outro dia preocupar-me-ia com ela, arrasto os pés, mais cansada do que esperava, em direção ao quarto.

Deito-me na cama relativamente maior que a dos dormitórios, comparando também que é mais pequena do que a minha no castelo. Adormeço e sem esperar, uma figura adentra sem permissão no meu sonho, à medida que me envolvo no sonho, percebo a figura jovem de cabelos negros, assim como a aura que o envolvia.

Capítulo 2

Ámon

Osom irritante do despertador obriga-me a acordar, e tento desenvolver um autocontrolo que não tenho para não o espetar contra a parede. Levanto-me, antes de me meter debaixo do chuveiro, passo com o punho fechado pelo despertador, só uma leveza suprimindo a vontade que me consumia. Já debaixo da água, não deixo de pensar que a vontade é sempre a mesma: nenhuma. De duche tomado, olho o roupeiro, pego numas calças cargo pretas, numa t-shirt branca, dois números acima do meu. Não sei por que, mas sempre gostei de comprar camisolas muito acima do meu número, coloco uma pequena corrente de prata, complemento com uns anéis pretos e umas sapatilhas de pano brancas e sinto-me satisfeito com a minha escolha.

Na cozinha, levo a chávena aos lábios, sentindo a queimadura latejante do líquido que absorvi depressa demais. Já fora de casa coloco-me a caminho da Universidade, a distância curta permite-me ir a pé. Aperto o casaco com a mão direita, os ossos a regelar, deixo o ar sair da minha boca, vendo o fumo se formar à minha frente, pelo menos acordaria até lá. Dentro do edifício procuro com veemência a sala da minha primeira aula, no topo da mesma, apercebo-me que sou o primeiro, tal como no secundário, enchi os pulmões, satisfeito, devido à minha pequena vistoria pela Universidade consegui com facilidade encontrar a sala, não queria correr o risco de um engano. Sento-me o mais atrás possível, começo a desenhar e a escrever coisas aleatórias no meu caderno, a sombra que me cobre a luz mostra-me uma silhueta a aproximar-se.

— Olá! Sou a Áurea. Posso sentar-me aqui?

Olho para cima e vejo uma figura angelical. Sem me pronunciar sinto a pele arrepanhar-se contra a roupa e a única coisa que consigo

fazer é abanar com a cabeça. Volto a tentar concentrar-me no que fazia, mas mesmo olhando aquelas folhas, só me apercebi muito depois que a desenhava. Era impossível não perceber o deslumbramento que emanava dela.

Este meu pensamento é interrompido pela voz angelical dela. — Posso saber como é que te chamas? — Fico perplexo a olhar para ela sem conseguir dizer nada, até que saio do transe.

Ámon. — Saiu mais rígido do que queria.

Ponderei pedir desculpas, mas as palavras não queriam aparecer, continuei atordoado com a beleza angelical daquela rapariga, sentada ao meu lado. Seria que perdera as minhas competências sociais?

A aula termina e saio de imediato da sala antes de voltar a fazer figura de parvo caso ela fale para mim. Quando saí do pavilhão dirijo-me ao pequeno pátio que tem no centro da Universidade, sento-me numa das pequenas mesas de pedra mais afastada com o objetivo de desenhar um pouco, visto que só tenho aula dali a uma hora. Abro a mochila, vasculho com persistência, os dedos movem-se entre o acumulado de livros, e ele não estava lá, o meu caderno havia desaparecido.

— Não acredito que o deixei na sala.

Decido voltar lá antes que a próxima aula comece, entro na sala e percorro-a de cima a baixo e não avisto o meu caderno em lado nenhum. Levo as mãos à cabeça. Onde poderia estar? Ando de um lado para o outro dentro da sala, esfrego as mãos com rigidez e resolvo refazer todo o meu percurso da porta da sala até à mesa onde me sentei na esperança de o ter deixado cair. Perante as buscas sem sucesso, deixo os braços descaírem e retorno ao último local onde estive, sento-me na mesma mesa que felizmente não foi ocupada, inspiro e expiro fundo, concentrado no que podia ter acontecido. Se o deixei cair nos corredores, qualquer um, o poderia encontrar, tomando conhecimento dos meus segredos, mesmo que aos olhos dos outros seriam só desenhos.

O resto do dia passa tranquilamente, mas o formigueiro irrequieto dentro do meu peito não passa, não enquanto não descobrir o caderno. Entro para a última aula, constato que ainda estou sozinho e aproveito para me sentar em silêncio.

Não por muito tempo, a entrar na sala vejo aquela rapariga de ar angelical, a dirigir-se novamente na minha direção.

— Tantos lugares na sala e tens de vir atrás de mim? — O que se passa comigo? Eu não queria dizer isto, muito menos desta maneira.

— Eu não ando atrás de ti, simplesmente...

Mais uma vez não sei o que acontece e por impulso interrompo-a. — Simplesmente o quê? Achas que quero ser teu amigo porque me vês sempre sozinho?

Consigo ver que ficou afetada com a maneira como lhe falei.

— Vinha só entregar isto que deixaste na sala de Teoria da Literatura.

O formigueiro a queimar dentro do meu peito volta a renascer quando vejo o caderno na mão dela. — Viste o que estava no caderno?

Ela não me responde, perplexa pela forma como lhe falei, mas volto a insistir. — Viste ou não?

Ela limita-se a abanar que não com a cabeça e dirige-se para o lado oposto da sala. Fico a observá-la por uns momentos, arrependido do que fiz. Porque é que tive de ser tão rude? Onde estava com a cabeça? Devia-me sentir agradecido por alguém querer sentar-se ao meu lado. Ela diferia dos demais, sem explicação ela quis aproximar-se quando parece que mais ninguém o quer fazer. É parvo, agi sem controlo, como sempre.

Fico a pensar no que aconteceu até ao fim da aula e quando termina dirijo-me em passos rápidos para a saída, desta vez levo o caderno na mão para ter a certeza que não vai parar às mãos erradas. Quando chego ao meu apartamento apercebo-me que talvez agarasse o caderno com demasiada força, pois acabei por o amassar um pouco. Coloco-o em cima da mesa de centro da sala, colocando um livro pesado por cima para tentar reparar os estragos.

Sento-me no sofá e só consigo pensar na minha atitude em relação àquela figura angelical. Só consigo pensar na sua imagem, na sua voz doce que me hipnotizaram de tal forma que não consegui formar um pensamento coerente, que não consegui controlar os meus impulsos e mostrei um lado que pensava mais escondido.

